

Paisagem, memória e transformação a partir dos Hupd'äh do alto rio Negro¹

Rafael Moreira Serra da Silva (PPGAS/UFRJ/MN)

Palavras chaves: habitações; passagens; alto rio Negro.

Os Hupd'äh do alto rio Negro (AM) chamam aqueles que assumem as posições de donos, patrões e chefes de *yo'òm'd'äh*. A forma singular desse termo é *yo'òm'ih*, designação para o “capitão”: os chefes de aldeamentos locais (Athias, 2006, p. 14, Ramirez, 2006, p. 214). O sufixo *d'äh*² é um marcador do plural usado para seres animados como as onças, *ya'am d'äh*, as pessoas, *hupd'äh*,³ humanos variados como as “gentes-árvores”, *tëg d'üh hupd'äh*, os brancos, *tëg hõi d'äh* e perigosos habitantes da floresta como os *Bisiw d'äh*, espíritos mestres dos animais.

Admitindo a lógica do uso do sufixo *d'äh*, parece razoável afirmar sua extensão a humanos e não humanos, arranjo que amplia as relações possíveis assumidas pelo *yo'òm'ih*. Essa categoria é ampla e compete aos indígenas e não indígenas, coletivos humanos e não humanos, expressando um conjunto de relações sociocsmológicas que despertam medo e cuidado dos indígenas.

Os *yo'òm'd'äh* são habitantes do que os Hupd'äh chamam de *inìh s'àh* - “nossa terra” - a floresta pensada pelos indígenas como centro do mundo (Marques, 2015), onde vivem em companhia de uma infinidade de seres. Ademais, os *yo'òm'd'äh* são habitantes de *sáp s'àh* - a “outra terra” - onde vivem humanos e não humanos nas casas, comunidades, cidades e demais habitações distantes da morada dos Hupd'äh.

Uso o termo habitação já que os Hupd'äh dizem que os animais, espíritos e humanos têm suas próprias “casas”, *mòy*. Baseando na pesquisa etnográfica que realizo com os Hupd'äh⁴, objetivo explorar nesse ensaio a associação dos *yo'òm'd'äh* com “casas” interespecíficas em São Gabriel da Cachoeira, habitantes do que denonimo de maneira preliminar como lugares-outros.

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”

² Para uma discussão do uso do sufixo *d'äh* na gramática dos Hupd'äh ver: Epps, 2008, pp. 191-197.

³ Na forma singular *hup* é “gente”, que é o mesmo termo convencionado para a língua dos Hupd'äh.

⁴ O foco etnográfico da tese que estou desenvolvendo são os Hupd'äh da comunidade de Santa Cruz do Cabari (médio Uapés), com quem venho trabalhando desde 2015.

Os Hupd'äh e o alto rio Negro

Os Hupd'äh são habitantes da terra indígena alto rio Negro, área sob a jurisdição do município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas⁵. O limite setentrional municipal estabelece fronteira com a Venezuela e a Colômbia. Dentro do território brasileiro, São Gabriel da Cachoeira limita-se a leste com o município de Santa Isabel e ao sul com Barcelos, respectivamente no médio e baixo curso do rio Negro. Esta região de tríplice fronteira no noroeste amazônico é mais conhecida como “cabeça de cachorro”, nome derivado da figura no mapa resultante do traçado dos limites territoriais desses municípios, que lembram o semblante desse animal.

Somando uma população de 2.634 indivíduos no Brasil (FOIRN/ISA, 2017, p. 17), os Hupd'äh correspondem a quarta maior etnia do rio Negro⁶, ocupando majoritariamente áreas de interflúvios dos rios Tiquié e Papuri, a margem direita do rio Uapés. Eles habitam cerca de vinte e cinco “comunidades”⁷ com uma densidade populacional variável. Aquelas que são de maior porte agrupam centenas de indivíduos. Por outro lado, há uma série de “sítios”, nome dado aos povoados com poucas unidades domésticas, com baixa densidade populacional. A composição étnica dessas localidades é heterogênea. Algumas são formadas exclusivamente por indígenas Hupd'äh e outras co-habitadas por outras populações indígenas de origem Tukano, Tuyuka, Yuhupdëh, Däw entre outros povos.

Vinte e três etnias habitam a região do alto, médio e baixo curso do rio Negro. Falantes da língua hup, os Hupd'äh formam junto aos povos Nadöb, Däw e Yuhupdëh, localizados entre a região do baixo e médio rio Negro, a família linguística Naduhup ou Naduhupy (Epps, P; Bolaños, K., 2017)⁸. Os povos da família linguística Tukano oriental

⁵ Soma-se a terra indígena alto rio Negro, os territórios indígenas já demarcados e homologados pelo governo federal no município de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel: médio rio Negro I, médio rio Negro II, Uneiuxi, Apapóris, Tea e Paraná-Boa Boa, cobrindo a extensão territorial de 109.185 km.² A terra indígena Jurubaxi-Téa alcança aproximadamente 102 km². Ela concentra-se em Santa Isabel, no entanto, alcançando o rio Jurubaxi no limite da área de abrangência de Barcelos, área que abriga também parte da terra indígena Yanomami, que sobrepõe-se ao parque nacional do Pico Neblina, na divisa com a Venezuela.

⁶ O povo Baniwa (4.411 indivíduos), Baré (3.879 indivíduos) e Tukano (2.634 indivíduos) são os maiores conjuntos populacionais da região do médio e alto rio negro (FOIRN/ISA, 2017).

⁷ Em geral, o termo “comunidade” é empregado no contexto regional para as localidades habitadas por vários núcleos domésticos indígenas, resultado do processo de evangelização salesiana.

⁸ Os Hupd'äh subdividem-se em três grupos regionais com variações dialetais. Os ocidentais ocupam a região entre o alto curso do Papuri e alto o curso do rio Tiquié, o grupo central habita o médio curso desses rios, enquanto o grupo oriental vive entre o baixo curso do Papuri e o médio curso do Uaupés (Reid, 1979; Pozzobon, 1983, 1991, Epps 2005). Há uma tendência dos Hupd'äh casarem-se nos limites dos grupos

são o Tukano, Desana, Kubeo, Kotiria, Tuyuka, Pira-Tapuia, Miriti-Tapuia, Arapaso, Karapanã, Bará, Siriano e Makuna. A família Arawak compreende os povos Baniwa, Kuripako, Baré, Werekena e Tariana. Já a população Yanomami do baixo Uapés são parte da família linguística do mesmo nome. Com efeito, o multilinguismo é uma das principais características da região.

O espanhol, a língua portuguesa e o nheengatú, derivado do tupi-guarani e do português, são outros idiomas falados como primeira ou segunda língua por algumas populações indígenas rio negrinas. No caso dos Hupd'äh, o conhecimento do português é reduzido e há uma tendência do idioma Tukano ser a segunda língua, em função do maior contato dessa população com os povos Tukano Oriental, relação de longa duração que influencia inclusive a estrutura gramatical hup (Epps, 2008).

Desde Peter Silverwood-Cope (1973 [1990]), os Hupd'äh ficaram conhecidos como um dos povos pertencentes aos “índios da floresta”. Esta expressão é usada para caracterizar os indígenas chamados pelos povos Tukano oriental de Maku: os Hupd'äh, Yuhupdëh, Däw e Nadëb em território brasileiro e os Kakwa e Nukak em território colombiano.⁹ O etnônimo Maku é provavelmente de origem Arawak e tem significado pejorativo aplicado “aquele que não tem fala” ou “aquele que não tem nossa fala” (Athias, 2006, p.10).¹⁰

Na literatura etnológica, os povos chamados de Maku são os habitantes de áreas de interflúvio. Eles são caracterizados como igualitários, exímios caçadores e com uma alta mobilidade no interior da mata. Ao contrário dos povos Tukano oriental, que por ocuparem as margens dos rios receberam a denominação de “índios do rio”, descritos ainda como povos sedentários, horticultores e com uma inclinação hierárquica (C. Hugh Jones, 1979 [2011]; S. Hugh Jones 1979 [2011]; Pozzobon, 1983, 1991, 2011; Buchillet 1990 [1997]; Athias 1995, entre outros).

Os Hupd'äh são conhecidos no alto rio Negro pela especialidade na manufatura dos cestos, na caça de animais e coleta de frutos sazonais. As primeiras descrições dos

regionais, relação que geralmente envolve uma exogamia clânica, ao contrário dos povos Tukano que idealmente praticam uma exogamia linguística.

⁹ Segundo as linguistas Patience Epps e Katherine Bolaños (2017), os povos Nukak e Kakwa não fazem parte da família linguística Naduhupy.

¹⁰ Buchillet sugere a partir da leitura de Koch-Grünberg (1906) e Curt Numendaju (1955) que o termo Maku remete “a grupos indígenas que habitam o fundo da mata, longe das margens do rio e igarapés navegáveis, e cuja característica básica é de serem caçadores coletores” (1990 [1997], p. 51). Este etnônimo revela, entretanto, um debate onomástico importante levando em conta a sua disseminação em grandes extensões geográficas e a sua atribuição a populações indígenas diversas (Epps, 2005, p.8-9; Lolli, 2016). Diante desse fato, Jorge Pozzobon sugeriu que “o amplo uso do termo talvez se explique pela grande dispersão da língua Aruak na área norte-Amazônia” (1983, p. 54).

Hupd'äh são do século XVIII, período de expansão da colonização do rio Negro. No entanto, somente a partir das décadas de 1960 e 1970 a evangelização dos Hupd'äh ganhou maior força, com os salesianos concentrando os indígenas em comunidades maiores denominadas por Renato Athias como “povoados-missão” (2016, p.12)¹¹.

No período anterior à evangelização pelos salesianos, os Hupd'äh trabalhavam certos períodos nas roças dos Tukano em troca de pimenta, tabaco, farinha, facões, roupas, machados entre outros itens industrializados que tinham menor acesso.¹² Esta relação já foi caracterizada na literatura etnológica de simbiose, parasitismo e padrão/cliente, atendo-se a relações de hierarquia observadas a partir das trocas econômicas envolvendo esses povos (Silverwood-Cope 1976 [1990]; Reid, 1979; Ramos et al 1980; Athias 1995).

Ao longo das décadas de 1990 e 2000, os Hupd'äh tiveram maior acesso às políticas de educação, saúde e renda ofertadas pelo governo municipal e federal, o que estimulou o fluxo sazonal dos indígenas para São Gabriel da Cachoeira, local onde permanecem acampados durante meses nas praias e margens do rio negro, em busca de documentação básica e benefícios sociais (Marques, 2015; Serra, 2017).

Uma morte acidental?

No ano de 2018, foi durante a estação seca em São Gabriel da Cachoeira, enquanto organizava os trâmites burocráticos na FUNAI e na FOIRN¹³ para ir rio acima com destino á Santa Cruz do Cabari, comunidade Hupd'äh onde realizo pesquisa de campo, que ocorreu um episódio trágico: a morte de um jovem rapaz, afogado no rio. Muitas pessoas morrem dessa maneira no rio Negro, nadando em águas perigosas onde ocorrem redemoinhos ou após naufrágio das embarcações que se chocam com as pedras. O caso do jovem, contudo, causou grande comoção na cidade sobre a causa da sua morte.

Próximo a FUNAI e a diocese de São Gabriel da Cachoeira no caminho do rio, há vários lugares de banho, áreas de praia e pedras, que permitem avistar no horizonte a Serra

¹¹ Pozzobon (2011) discute como um conjunto de teorias históricas e etnológicas assumiram o ponto de vista dos indígenas Tukano sobre a escravidão, servidão e dominação dos Hupd'äh e como esse discurso embasou a evangelização deles pelos salesianos.

¹² É importante notar que as frentes de colonização do rio Negro tiveram menos dificuldade de acesso via fluvial como os povos Tukano - habitantes das margens dos rios - que receberam maior fluxo de mercadorias do que os povos da floresta.

¹³ Federação das Organizações Indígenas do rio Negro.

da Bela Adormecida e bem próximo a cidade, a ilha de Adana, ambos lugares de referência mítica para os Hupd'äh e diferentes povos rio negrinos.

No período de seca, é comum o movimento de moradores locais e turistas pisando cuidadosamente nas pedras que surgem no rio para alcançar algumas ilhotas perto da cidade. Antes da morrer, o jovem e um grupo de amigos equilibravam-se em cima das pedras buscando alcançar Adana. Enquanto eles atravessavam, um dos membros do grupo caiu na água. O seu corpo sumiu rapidamente, como se succionado para o interior do rio, deixando atônitos a todos.

Durante dias, ocorreu a busca pelo corpo do jovem. Trazendo cadeiras de praia e estacionando os carros na pista próximo ao rio, a população assistia as tentativas de resgate do cadáver. Passado alguns dias o corpo boiou para superfície, após soltar-se de uma pedra no fundo da água, perto da ilha da Adana. Na cidade, circulou a notícia de que o corpo dele só apareceu após uma cobra bem grande emergir no rio. Foi essa cobra quem capturou o jovem, disseram os moradores locais, levando-lhe para sua casa subaquática, tomando a sua vida.

Recebi a notícia da morte do jovem poucos dias após conversar com dois Hupd'äh, o jovem Álvaro Socot e o pajé Armando Socot sobre a narrativa mítica de *B'öy M'èh*, uma grande Cobra-Traíra que foi morta em São Gabriel da Cachoeira nos tempos primordiais e que tem como “casa” (*paç mòy*) a Ilha de Adana.

A seguir, apresentarei uma descrição preliminar do mito da Cobra-Traíra baseado na tradução dada pelo Álvaro Socot e o seu pai, a liderança hupd'äh Américo Socot¹⁴.

Nota sobre o mito da Cobra-Traíra.

Antigamente, uma mulher do igarapé Japú, no médio Uapés, foi passear no mato. Ela estava com uma barriga muito grande, grávida. Ela olhou um pé de cunuri na floresta e ficou com fome. O seu filho, a Cobra-Traíra, falou para ela não subir. De repente, ele saiu de dentro da mulher, deixando só o rabo na vagina para subir até o topo da árvore e pegar a fruta. Logo em seguida, ele desceu a copa da árvore e então comeu a sua mãe.

¹⁴ O mito da Cobra-Traíra tem uma versão Tuyuka chamada de *Diadoe* (Cabalar, 2005, p.85), contada por Miguel Azevedo e ilustrada pelo artista indígena Feliciano Azevedo - falecido recentemente em São Gabriel da Cachoeira - e que deixou um rico acervo de iconografias. A conversa com o pajé Armando foi gravada em São Gabriel da Cachoeira, no âmbito de um projeto de salvaguarda cultural do Museu do Índio coordenado, entre os anos de 2017 e 2018, pelo pesquisador Bruno Marques.

A Cobra-Traíra era muito grande. Ela saiu do igarapé Japú e foi remando de canoa até Iauaretê¹⁵, devorando todos no caminho. Na comunidade de Aracu Poço, próximo a Ipanoré, ela foi avistada. Desde essa localidade, foi enviada mensagem até São Gabriel da Cachoeira sobre a descida

Na pedra de Fortaleza¹⁶, a Gente-Ariranha montou armadilha com matapí e malhadeira para capturar a Cobra-Traíra. Esperaram durante meses a sua chegada. A primeira tentativa de pegá-la com matapí falhou. Em seguida, conseguiram agarrá-la com a malhadeira e após ela golpeada com um arpão, a Cobra-Traíra foi morta.

“Já matou, já matou”, disseram a Gente-Ariranha, levando o corpo da Cobra-Traíra até a margem do rio, cortando ela em vários pedaços. Um pedaço grande foi jogado no rio, virando a piraíba, o pirarucu, o tambaqui entre outros peixes pequenos e grandes. Outro pedaço dela foi jogado no mato, virando anta, capivara, paca e outros animais.

Hoje em dia, as escamas e os ossos da Cobra-Traíra estão espalhados por toda cidade, em pedras ao longo das ruas que dão acesso aos comércios e instituições públicas de São Gabriel da Cachoeira e nas pedras e praias a margem do rio Negro, onde centenas de Hupd’äh têm acampado sazonalmente em busca de acesso a benefícios sociais.

Américo Socot contou-me ainda como o intestino grosso e fino da Cobra-Traíra foram arrancados do seu corpo e enterrados no solo. Eles permanecem hoje abaixo da terra. Em sua roça, ele contou-me, é possível escutá-lo roncando: “wowowowow!” como o barulho de um estômago. Ao escutar esse som, Américo disse lembrar-se da história da Cobra-Traíra e adoecer.

No dia que caminhei com Armando e Álvaro para fazer o registro das paisagens na cidade associadas a narrativa, paramos na pedra da Fortaleza para descansar. Álvaro falou-me que estava com muito calor e que desejava banhar-se. Sugeri, então, para o Álvaro refrescar-se na margem do rio. Temeroso, ele comentou que ali estava próximo a armadilha que foi usada para caçar a Cobra Traíra. Ele evitou esse local, pois o pajé Armando falou que a Cobra-Traíra estava “brava” (*täw ni*) e que uma morte logo ocorreria nessas águas. Na semana seguinte ocorreu o óbito do jovem na Ilha de Adana, na casa da Cobra-Traíra.

¹⁵ Iauaretê é um distrito multiétnico próximo a fronteira com a Colômbia.

¹⁶ A pedra da Fortaleza é o local de um antigo forte construído no século XVI em São Gabriel da Cachoeira.

Sobre os lugares-outros.

Ao caminharem no interior da floresta ou em cidades como São Gabriel da Cachoeira, os Hupd'äh estão sujeitos a perderem documentos, pertences, serem presos pela polícia, virarem espíritos ou animais ao se equivocarem nas trilhas e caminhos. Esses eventos são consequência de uma série de situações que envolvem um engano ativo ou um equívoco passivo: eles podem, assim, ser enganados por comerciantes em São Gabriel da Cachoeira ou por espíritos na mata, mas também podem se equivocar, por falta de cuidado, diante de outros seres sedutores e poderosos.

Estas experiências liminares são boas histórias – contadas pelos Hupd'äh ao mesmo tempo em tom de seriedade e riso - sobre os encontros na floresta e na cidade com o que chamam de *yo'òm d'äh*. Os Hupd'äh empregam esse termo para designar desde representantes do governo, políticos, padres, pesquisadores, comerciantes, animais, espíritos e seres em diferentes planos do cosmos ou mesmo o chefe de dada comunidade ou de instituições públicas.

Os caminhos dos Hupd'äh, no que dizem ser “nossa terra” e “outras terras”, são cheios de seres perigosos e lugares-outros, como a casa da Cobra-Traíra, espaços de passagem para os domínios interespecíficos habitados pelos “espíritos-donos”, onde os Hupd'äh correm o risco ter o “sopro vital” capturado (*hawäg sù'ù*).

Os Hupd'äh chamam de *hawäg* tanto o coração quanto o “sopro vital”, que os indígenas recebem quando nascem e recebem o seu nome clânico. Conforme a pessoa cresce o seu *hawäg* se desenvolve, contudo, ele enfraquece com os ataques de espíritos nocivos (*batib*) que provocam doenças ou podem ser apropriados por diferentes espíritos, passando a habitar “casas” alheias ao seu mundo ordinário.

De modo geral, os Hupd'äh associam as doenças a feitiçaria, uma ação causada e planejada por outrem, enquanto que a passagem para habitações interespecíficas podem ocorrer pelo simples descuido com seres associados a diferentes paisagens.

É notável que um dos principais seres que habitam a floresta, chamado pelos Hupd'äh de *Döh Äy*, “Curupira”, seja um ser associado ao cuidado dos animais e do veneno (Ramos, 2013, p.268) e ao mesmo tempo uma espécie de trickster cujos passos levam os indígenas ao engano.

A Curupira é perigosa e têm os pés semelhantes ao do corpo humano, mas no sentido contrário, de modo que as suas pegadas na floresta têm que ser observadas com

cuidado: elas parecem estar se distanciando, quando estão de fato se aproximando dos indígenas.

A grande questão não é somente saber ir até certos lugares, para caçar, pescar, buscar frutos ou acampar, mas saber também o caminho de volta para evitar o encontro com seres como Curupira, que levam ao descaminho e a passagem aos lugares-outros habitados por seres perigosos aos Hupd'äh.

No alto rio Negro, as pedras, serras e montanhas não são uma obra que permanecem imóveis à observação do sujeito, mas lugares de passagens com o potencial de impulsionar transformações perigosas, que escapam ao controle dos Hupd'äh. Assim, parece que através do engano ou da equivocação, os Hupd'äh correm o risco de serem levados a lugares-outros, perdendo-se na floresta, na cidade e passando longe do mundo habitado por eles, onde impõe-se a necessidade do retorno, com o propósito de evitar a captura ou predação pela perspectiva de seres com modos de habitação diferentes dos Hupd'äh.

Bibliografia

- ATHIAS, Renato. 2008. *Hupde-Maku et Tukano: relations inégales entre deux sociétés du Uaupés amazonien (Brésil)*. 2008. 386 f. Tese - Université de Paris X, Recife.
- _____. 2006. Os Hupd'äh. In: RAMIREZ, Henri. *A língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro*. São Paulo: Saúde Sem Limites.
- BUCHILLET, Dominique. 1997. *Os Índios da Região do Alto Rio Negro: História, Etnografia e Situação das Terras [Indians of the Upper Rio Negro Region: History, Ethnography and Land Situation]*, 1990 [1997]. Laudo antropológico redigido para a Procuradoria Geral da República na ação visando a demarcação sob forma única da região do alto Rio Negro (Brasília, Brasil, junho de 1990). Revisado e ampliado em 1997, 90p.
- CABALZAR, Aloizio (org.). 2005. *Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié. Conhecimentos Tukano e Tuyuka ictiologia, etnologia*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- CHERNELA, Janet; LEED, Eric. “As perdas da história. Identidade e violência num mito Arapaço do alto rio Negro”. 2002. In: ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida (org.) *Pacificando o branco. Cosmologia do contato no norte Amazônico*. São Paulo: EdUnesp. pp. 469-488.
- EPPS, Patience. 2008. *A grammar of hup*. Berlin/New York. Mouton de Gruter.
- EPPS, Patience e BOLAÑOS, Katherine. *Reconsidering the “Makú” family language of northwest Amazonia. International Journal of Linguistics* 83(3). Pp.467-507.
- HUGH-JONES, Christine. 1979. *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

- HUGH-JONES, Stephen. 1979. *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOLLI, Pedro. “A plasticidade Maku”. Florianópolis. In: *Revista Ilha*, 2016.
- MARQUES, Bruno. 2015. *Os Hupd’äh e seus mundos possíveis: transformações espaço-temporais do Alto Rio Negro*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- POZZOBON, Jorge. 1983. *Isolamento e endogamia: observações sobre a organização social dos índios Maku*. Porto Alegre: UFRGS. (Dissertação de Mestrado).
- _____. 1991. *Parente et demographie chez les indiens Maku*. Paris: Univ. Paris VII. (Tese de Doutorado).
- _____. 2011. *Sociedade e improviso: estudo sobre a (des) estrutura social dos índios Maku*. Rio de Janeiro: Museu do Índio.
- RAMOS, Alcida Rita. 1980. “Patrões e clientes: relações intertribais no Alto Rio Negro”. In: *Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1980, p. 135-182.
- RAMOS, Danilo Paiva. 2013. *Círculos de coca e fumaça*. 469p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAMIREZ, Henri. *A Língua dos Hupd’äh do Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora Associação Saúde Sem Limites, 2006.
- REID, Howard, 1979 *Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku Indians of Brazil*. Cambridge: Univ. of Cambridge. (Tese de Doutorado).
- SERRA, Rafael Moreira Silva. 2017. *Signos de pobreza: uma etnografia dos Hupd’äh e dos benefícios sociais no alto rio Negro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.
- SILVERWOOD-COPE, Peter. 1990. *Os Maku. Povo Caçador do Noroeste da Amazônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.